

Guerra dos mundos ou das mídias?: o *boom* de imagens de discos voadores nos jornais brasileiros sob a ótica do fotoperjornalista paraibano Machado Bittencourt em 1969¹

Julio Cezar Pereira Peres²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

RESUMO

Este artigo trata da exploração de imagens relacionados a objetos voadores não identificados – óvnis, pelos jornais brasileiros, no fim da década de 1960. Tem como ponto central um experimento realizado em Campina Grande, Paraíba, em junho de 1969, pelo fotoperjornalista Juremi Machado Bittencourt (1942 – 1999) que, em acordo com o jornal para o qual trabalhava, confeccionou um “disco voador”, fotografou-o e publicou – como sendo reais – as fotos na primeira página daquele diário, com a condição de que se o experimento desse certo, no dia seguinte teria espaço na publicação para explicar como o fez. Este trabalho resgata esse feito, discute as possibilidades de criação de realidades a partir da fotografia e busca compreender algumas motivações que favoreceram o *boom* de imagens relativas a óvnis naquela época, a partir das evidências propostas pelo fotógrafo.

PALAVRAS-CHAVE: disco voador; ficção documental; fotoperjornalismo; jornalismo impresso; realidades fotográficas

Introdução

Os relatos de aparições de objetos voadores não identificados (óvnis) na imprensa brasileira não são recentes, porém não existe um marco concreto para as primeiras notícias publicadas sobre o assunto em nosso país. Santos (2009) destaca o ano de 1947 como o primeiro *boom* de notícias do gênero e traz como um marco desse período a invenção da expressão “disco voador”. Tais notícias passaram, a partir daquele ano, a vir mais frequentemente acompanhadas de um conteúdo que potencializava a credibilidade das informações – o registro fotográfico.

Em Campina Grande, Paraíba, o fotógrafo e cineasta Juremi Machado Bittencourt³ causou polêmica ao publicar, em 07 de junho de 1969, num jornal de ampla circulação do estado, o Correio da Paraíba, fotos de um suposto óvni, creditadas a um engenheiro agrícola

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atualmente cursa especialização em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: julio.cezar.peres@hotmail.com

³ Fotógrafo, jornalista e cineasta piauiense, radicado na Paraíba. Patrono da cadeira nº 28 da Academia Paraibana de Cinema. Nasceu em 03 de setembro de 1942 na cidade Piracuruca (PI) e faleceu em João Pessoa (PB) em 27 de abril de 1999.

fictício de nome Raimundo Portela. Uma fotografia foi publicada na primeira página do jornal (figura 1), com a legenda: “Um objeto estranho, na forma de um disco fêz evoluções no céu de Campina Grande”. Um pouco abaixo, um texto acompanhava a chamada de capa:

Disco voador faz várias evoluções em Campina Grande:
Um objeto voador não identificado foi visto e fotografado em Campina Grande quinta-feira última. Sobrevoou demoradamente a cidade tendo sido observado demoradamente pelo técnico agrícola Raimundo Portela, autor das fotos que documentam o estranho acontecimento, que durou no máximo dois minutos.
Era de côr metálica e tinha, na sua parte superior, compartimentos identificados como janelas ou escotilhas. Não emitia som algum e, tão rápido como surgiu, desapareceu no espaço sob os olhares atômicos das testemunhas da sua aparição, ocorrida nas imediações do Distrito Industrial da cidade.
Pessoas há que afirmam não ter sido a primeira visita do objeto identificado como sendo um "disco voador" que recentemente teria sido visto em Sapé. As fotos do OVNI (Objeto Voador Não Identificado) serão enviadas para estudo às autoridades aeronáuticas do país. São, juntamente com farta documentação e depoimentos, divulgadas na 10.a página desta edição.

Na décima página do jornal, como prometido na chamada de primeira página, estavam registrados os relatos, depois revelados fictícios, dos que observaram a aparição de tal artefato, assim como uma outra fotografia, dessa vez acompanhada da legenda “Bem Visível: de uma nitidez impressionante, esta foto mostra o disco voador como foi visto e fotografado pelo engenheiro Raimundo Portela”. Guardadas as devidas proporções, esta façanha pode ser comparada à gerada pelo programa de Orson Welles na transmissão de encenação de “Guerra dos Mundos”⁴ em 1938.

⁴ Peça adaptada do livro homônimo escrito pelo inglês Herbert George Wells, encenada no programa radiofônico The Mercury Theatre on the Air. Apresentada e dirigida pelo ator e diretor de cinema Orson Welles, que causou pânico nos ouvintes que não atentaram para o fato do programa ser uma encenação e entraram e pânico.

Figura 1: Detalhe da primeira página do jornal com imagem do suposto disco voador



FOTO: Julio Cezar Peres

FONTE: Reprodução do jornal Correio da Paraíba

Essa história poderia ter sido mantida secreta pelo fotógrafo e editores do jornal, e ter passado por verdade, como muitas outras semelhantes publicadas no Brasil e reveladas farsas anos depois⁵, não fosse a ousadia de Machado Bittencout.

⁵ No Brasil, dois dos casos mais importantes de registros fotográficos de aparição de discos voadores foram revelados farsas não pelos fotógrafos, que morreram afirmando serem verdadeiras. O primeiro, conhecido como “Caso Barra da Tijuca”, faz referências às fotografias publicadas na revista O Cruzeiro em 1952, assinadas pelo repórter fotográfico Ed Keffel. Este não tardou para que os militares julgassem fraudulento, embora o autor tenha falecido sem assumir a farsa. O segundo famoso caso é o do fotógrafo Almiro Baraúna. Conhecido como o Caso Trindade, este aconteceu em 1958, e ganhou ampla repercussão na mídia nacional. Também teve a veracidade questionada por especialistas, embora o autor também tenha morrido sem confirmar ser fraude. Em 2010 uma amiga do fotógrafo revelou em uma entrevista no Fantástico que o caso foi uma fraude; confirmação dada também pelo sobrinho do fotógrafo em entrevista concedida para a Revista UFO.

O fotógrafo, a fotografia e a criação de realidades

A fotografia desde o seu nascimento carrega consigo *status* de veracidade, devido a “sua natureza físicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como eles de fato aparecem” (KOSSOY, 2012, p.19). É dessa característica que a imprensa se utiliza para manipular seus espectadores, os quais, em sua maioria, desconhecem que “as possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e portanto na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia” (KOSSOY, 2012, p. 30).

Kossoy (2012) divide o registro fotográfico em duas partes, que ele chama de realidades fotográficas.

A primeira realidade diz respeito ao fato no momento em que a fotografia foi captada. Ou em suas palavras: “diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação [...] também, ao contexto deste assunto no momento do ato do registro” (KOSSOY, 2012, p. 36).

Nesse processo é importante que se compreenda a intenção do fotógrafo no momento do clique, o que Kossoy (2012) chama de “processo de criação do fotógrafo” e que, segundo o autor,

engloba a aventura estética, cultural e técnica que irá originar a representação fotográfica, tornar material a imagem fugaz das coisas do mundo, torna-la, enfim, documento. Seja durante o processo em que é criada, seja após a sua materialização, conforme o destino ou uso que a aguarda, a representação está envolvida por uma verdadeira trama. (KOSSOY, 2012, p.26)

No caso estudado, a trama que envolveu a construção das imagens publicadas pelo jornal no dia 07 de junho de 1969, foi revelada no dia seguinte. Na primeira página da edição do dia 08 de junho podia ser vista uma fotografia feita no momento da criação da farsa (figura 2), acompanhada da legenda “Disco de brinquedo: Machado Bittencourt fotografa o 'disco', prêso a uma vara por um fio de 'nylon', contra o céu da cidade de Campina Grande”. Ao lado da imagem, uma chamada intitulada “A verdade sobre o ‘disco’” convidava os leitores a acompanharem o “dossiê” publicado na primeira página do 2º caderno da publicação.

Na segunda página do 2º caderno, pode ser lida as motivações para a construção do tal disco:

Como foi feito e fotografado o “disco” de Campina Grande:

Tudo começou em nossa sala de redação. Discutiam os jornalistas Frank Ribeiro, Machado Bittencourt e Carlos Roberto. O assunto era sobre a verdade ou o blêfe dos DISCOS VOADORES. Machado Bittencourt (sic.) sustentava, na ocasião que a grande maioria das reportagens publicadas pela imprensa brasileira não tinha comprovação de fato. Frank argumentava que as melhores provas da existência dos DISCOS eram as fotos. Machado dizia que as fotos sobre os discos podiam ser "fabricadas" com truques e montagens de laboratório.

Aí surgiu o desafio sugerido por Carlos Roberto. Machado Bittencourt, em defesa de sua tese, deveria "fabricar" uma reportagem sobre os discos voadores e trazê-la para publicação. Ficou acertado que no dia seguinte o truque seria revelado para que nossos leitores soubessem como, no Brasil se explora a indústria da fantasia sobre os Objetos Voadores Não Identificados.

Vencemos o desafio publicamos, ontem, como Machado "fabricou" a reportagem com auxílio de dois colegas seus - os fotógrafos campinenses Klepper Wanderley e José Coriolano. As etapas estão narradas abaixo com separação didática[...].

FIGURA 2: Machado Bittencourt e um de seus assistentes produzindo imagem do disco



FOTO: Julio Cezar Peres

FONTE: Reprodução de imagem do jornal

Em uma entrevista concedida para o programa Paraíba Repórter com o tema Ufologia⁶, o fotógrafo explicou resumidamente como as fotografias foram produzidas:

Produzi uma série de fotografias com a ajuda de dois companheiros lá em Campina Grande. Fiz um disco na base de dois pratos de ágata justapostos. No meio deles havia um papelão cortado como se fosse uma circunferência perfeita. Pendurei esse disco com fio de nylon transparente e utilizei algumas técnicas que a fotografia permite; pouca velocidade, um ligeiro desfoque [...].

O fato de a farsa ter sido documentada em fotografias, reforça o desejo do autor de, como afirmado por ele próprio no programa Paraíba Repórter, provar que “fazer fotos de discos voadores não é coisa difícil”.

Já a segunda realidade, diz respeito ao registro fotográfico, é o “documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo” (KOSSOY, 2012, p. 37). Ou seja, é a representação do real fotograficamente expressa. É a fotografia em si, do modo que foi apresentada.

Na mídia impressa a fotografia nunca aparece como estrutura isolada, ela “comunica, pelo menos com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo)” (BARTHES, 2009, p.12). Guran (1999, p.63) complementa ao dizer que “a fotografia aparece na imprensa em três situações: como ilustração, como informação principal em relação ao texto, ou como complemento deste”. No caso estudado a fotografia se apresenta como informação principal em relação ao texto, pois ela era o fator-notícia.

Sobre o elemento escrito, Bourdieu (1997, p.26) ressalta que

o mundo das imagens é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* –, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos [...] porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente representações falsas.

Essa definição retrata bem o que aconteceu com o assunto em estudo, já que o elemento escrito foi de fundamental importância, dando “vida” à farsa.

⁶ Programa produzido pela TV Paraíba na década de 1990, nos moldes do Globo Repórter e que não chegou a ir ao ar.

Considerando que a imagem apresentada do disco voador foi posteriormente declarada pelo próprio autor como irreal, pode-se dizer que a segunda realidade (a fotografia apresentada com seus elementos textuais) não correspondia à primeira realidade – a realidade real do fato no momento de sua captura. Isso corresponde a um “fenômeno” que Kossoy (2012, p.55) chama de ficção documental:

obtem-se assim, por meio da composição imagem-texto, um conteúdo transferido de contexto: um novo documento é criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, uma nova verdade. Mais uma ficção documental.

O ponto de vista de Machado Bittencourt sobre os discos voadores

Em um dos textos que escreveu sobre sua façanha, publicado no jornal no dia 08 de junho de 1969, intitulado “A verdade sobre o disco de Campina Grande”, Machado dividiu em alguns tópicos sua interpretação do “fenômeno óvni” no Brasil. No primeiro tópico, intitulado “Um golpe já velho”, o fotojornalista destaca a obsessão dos leitores por assuntos relacionados a discos voadores e a capacidade de reciclagem do assunto, ao dizer que

poucos assuntos terão sido tão bons estimulantes para a venda do papel impresso como os mistérios dos discos voadores, a série mirabolante dos casos policiais célebres e a nunca ausente exibição clara e sensual da beleza feminina. Entre os três assuntos, apenas um avulta pela elasticidade de sua criação inesgotável: Os Objetos Voadores Não Identificados. (BITTENCOURT, 1969)

Continuando, Machado levanta alguns pontos que contribuía para a incessante produção de notícias relacionadas ao tema, como o fato de não se terem provas concretas sobre a existência ou origem de tais artefatos. Quanto a isso o fotógrafo deixava claro o segredo da farsa, “basta dar asas à imaginação, respeitar os detalhes já conhecidos e compôr cenas sensacionalistas no teclado da máquina de escrever” (idem). Ainda segundo o fotógrafo essa prática era recorrente sempre que os lucros dos jornais diminuía. Escreveu ele que, “quando os lucros baixam, quando a “bóia” aumenta de edição para edição, é nesse tempo que os OVNIIs aparecem” (idem).

No tópico intitulado “A fantasia lucrativa” Bittencourt descrevia a semelhança entre os *leads* das notícias e destacava que tal assunto alavancava as vendas nos jornais:

o começo é sempre igual – Numa cidadezinha tal, perdida num país subdesenvolvido, um objeto estranho foi visto no céu. Logo aparecerão outros. A seguir, uma verdadeira “enxurrada” de aparições e “causos” garante tranquilidade a boa venda das edições. A fantasia passa a desempenhar um papel de alta importância para ascensão dos lucros empresariais. (idem)

Esse texto constitui uma importante análise sobre o caso. Ao se levar em consideração que tal prática era corriqueira em jornais de várias partes do mundo e que a “desmistificação” de Machado Bittencourt viria descredibilizar quaisquer outras notícias que os concorrentes, ou o seu próprio contratante, viessem trazer sobre o tema, pode-se dizer que foi uma atitude corajosa do jornal aceitar tal desafio. A visão de Machado parece não estar desalinhada com o que se veio a publicar anos depois sobre a época em que ele produziu essa trama, como pode ser visto adiante.

A imprensa brasileira e os discos voadores em 1969: uma tendência mundial

Kossoy (2012, p.22) diz que para alcançarmos o potencial informativo das fotografias temos que contextualizá-las na trama histórica, nos aspectos sociais, políticos e econômicos, dentre outros; e que “caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações ‘artísticas’ do passado” (idem).

Assim sendo, se busca neste trabalho compreender ainda, através do contexto histórico, determinado pela relação espaço-tempo em que as imagens foram registradas, os porquês de o fotógrafo ter forjado as fotografias que tratavam de discos voadores, assim como os fatores que o fizeram revelar a farsa.

Em 1968 houve um grande registro de notícias de aparições de discos voadores na imprensa mundial. Na imprensa brasileira não foi diferente, tanto que levou a Força Aérea a criar um órgão interno para analisar esses crescentes relatos. O órgão, denominado Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não-Identificados (SIOANI), produziu, ao longo de sua existência, que durou até 1972, boletins com estatísticas dos relatos.

Em março de 1969 foi lançado o primeiro boletim que trazia os fundamentos da organização e este pontuava 1947 como marco das sucessivas notícias sobre Objetos Aéreos Não-Identificados (OANIs) veiculadas nos jornais do país, e que dali em diante “as notícias diminuíram de intensidade até que, a partir de agosto de 1968, voltaram ao

conhecimento público, num crescendo [sic] que vem abalando até os mais céticos” (BOLETIM SIOANI, p.6).

De acordo com o mesmo boletim, a imprensa era a maior propagadora de tais ocorrências, com notícias sensacionalistas:

a imprensa aproveita o fenômeno para dar vazão à sua veia sensacionalista, aumenta a confusão em torno do assunto e, quase sempre, dificulta a pesquisa séria, por veicular histórias fantasmagóricas que afastam a testemunha, preciosa por vezes, temerosa das conseqüências do sensacionalismo no seu sossego e na sua tranquilidade (BOLETIM SIOANI, p.3).

Fazendo um breve recorte histórico na década de 1960, percebe-se que ali o contexto da imprensa mundial assumia novos formatos. Sousa (2004a, p.151) destaca que em tal década “a televisão inicia o seu reinado enquanto *medium* dominante na Europa, anos após os EUA [...]. Novos meios de comunicação, de mais fácil acesso e mais baratos do que nunca, começam a surgir ou a ser investigados”. Para Guran (1999), a introdução deste meio veio absorver ampla parcela da publicidade que financiava as publicações que tinham a fotografia como modo de “fazer ver”:

a abrangência e a velocidade desse veículo em fornecer um volume de informação visual muito maior a uma audiência muito mais ampla leva-o a ocupar grande parte do espaço outrora ocupado pela fotografia e, o que é decisivo, absorve as principais verbas da publicidade[...]. (GURAN, 1999, p.56)

Embora naquela década a televisão ainda não fosse o veículo dominante no Brasil, este já se encontrava em expansão. A primeira emissora de televisão do Brasil foi inaugurada em São Paulo em 1950⁷ e na década de 1960 a televisão começava a ganhar cada vez mais espaço em nosso país. Decerto que Campina Grande, um dos mais importantes polos comerciais e industriais do Nordeste na época, não poderia ter ficado de fora deste avanço e no dia 15 de setembro de 1963, Assis Chateaubriand colocou no ar, ainda em caráter experimental, a TV Borborema – primeira emissora do estado, a qual passou a funcionar oficialmente no dia 14 de março de 1966.

Nesse contexto de entrada de um novo meio de comunicação, a concorrência do jornalismo impresso – que até então só concorria com o rádio, fez com que este buscasse

⁷ A primeira estação de televisão do Brasil, a TV Tupi, inaugurada pelo magnata paraibano Assis Chateaubriand, é considerada a quarta do mundo e primeira da América Latina.

outros meios de chamar atenção para si. Sousa (2004a, p.152) destaca a veiculação de conteúdo sensacionalista como uma saída, com ênfase no fotojornalismo: “no fotojornalismo, esta mudança incrustou-se mais no privilégio dado à ‘captura do acontecimento sensacional’ e na ‘industrialização’ da actividade do que na reflexão sobre os temas, as novas tecnologias, as pessoas, os fotógrafos e os sujeitos representados”.

É de se destacar também o crescimento das foto-ilustrações⁸ no jornalismo, modalidade na qual aqui se acredita que as fotografias do caso estudado se enquadram. Sousa (2004a, p.155) relata que entre a décadas de 1960 e 1980, esse tipo de fotografia “domina a imprensa, modificando-se critérios de noticiabilidade e convenções profissionais”. Cabe ponderar ainda, no fato de que, além da concorrência com os demais meios, os jornais disputavam audiência entre si, o que em muitos casos leva à busca insana pelo furo, pelo extraordinário. Bourdieu (1997, p.27) destaca que no jornalismo “para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo [...] visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros”.

Cabe ressaltar que à época o mundo assistia ao que ficou conhecido por Corrida Espacial⁹, onde Estados Unidos e União Soviética disputavam supremacia em tecnologia espacial, o que mexia com o imaginário da população. Na TV eram exibidas séries tratando do tema, como por exemplo a série “Os Invasores” veiculada na TV Borborema – vinculada a um dos jornais concorrentes do Correio da Paraíba na época, o Diário da Borborema – e que era exibida às quartas-feiras e domingos.

Considerações finais

Este estudo aponta para o fato que o fotojornalista Juremi Machado Bittencourt tinha domínio sobre técnicas fotográficas e compreendia as possibilidades que tal mídia permitia em relação à construção de realidades. É de se destacar que, segundo Boni (2014), apenas a partir da década de 1980 que a fotografia “foi alçada à condição de documento e passou a ser aceita e respeitada por diversas áreas de estudo” (BONI, 2014,

⁸ As foto-ilustrações para Sousa (2004b), “são imagens fabricadas, planeadas, para gerar um determinado efeito”. (p.100)

⁹ 20 de julho de 1969 foi o ápice de tal fenômeno, quando dizem ter o homem pisado na Lua pela primeira vez.

p.254); antes de tal década os estudos na área eram em número bem menor, assim como menor o conhecimento sobre tais possibilidades.

Cabe-se ressaltar ainda que na época as possibilidades de manipulação das imagens na pós-produção eram bem menores que as atuais. Na fotografia analógica, o retoque do negativo e a trucagem eram as manipulações mais usuais e nem sempre garantiam bons resultados. Assim para se garantir a credibilidade das imagens, segundo o fotógrafo, as fotos eram “sempre tremidas, desfocadas, granuladas, veladas, etc” (BITTENCOURT, 1969). A montagem de Bittencourt foi composta na tomada das imagens, possibilitando maior nitidez na publicação e conseqüente repercussão entre os leitores.

Quanto às notícias sobre “discos voadores”, pode-se dizer que o fotógrafo tinha uma visão bastante holística sobre o assunto. Sabia da importância das imagens na “legitimação” de tais notícias e compreendia o poder de atração que tal assunto proporcionava. O ponto de vista do autor sobre o assunto estava em consonância com o que ora se configurava.

Embora Bittencourt não tenha deixado claro os porquês das baixas nas receitas dos jornais da época – o que ele deixou implícito estar ocorrendo, ao citar aquele como motivo principal da aparição das notícias sobre aparições de óvnis – a concorrência com a TV é um fator que pode ter contribuído, já que esta veio concorrer com os jornais em termos de receita publicitária. O histórico aqui colecionado aponta para isto.

Diante do exposto, pode-se dizer que, a partir da visão do fotojornalista Machado Bittencourt, a “Guerra dos Mundos” na imprensa brasileira daquela época estava pautada no contexto de uma “guerra” entre mídias.

Referências

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BITTENCOURT, Juremi Machado. A verdade sobre o disco de Campina Grande. **Correio da Paraíba**, Campina Grande, 08 jun. 1969.

BONI, Paulo César. Fotografia: história, novas tecnologias e desafios acadêmicos. In MORAIS, Osvando J. de. **Ciências da comunicação em processo**: paradigmas e mudanças nas pesquisas em comunicação no século XXI: conhecimento, leituras e práticas contemporâneas. São Paulo: INTERCOM, 2014b. p.244-276. E-Book. ISBN: 978-85-8208-087-0. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/a734c17b5330ffe7cae1593dd045a62e.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Força Aérea Brasileira. (1969). **Boletim Sioani**. Disponível em: <https://www.ufo.com.br/documentos/Documentos_revelados_do_Sioani/Boletim%20SIOANI%200001%20Mar%E7o%20de%201969.pdf>. Acesso em 12 mar. De 2016.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

SANTOS, Gauthier Cardoso dos. **A invenção dos discos voadores: guerra fria imprensa e ciência no Brasil (1947-1958)**. Dissertação (Mestrado em História). Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004a.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004b.

MACHADO Bittencourt e Disco Voador. Entrevista com Juremi Machado Bittencourt. 1'52". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ugBZqwo2XWw>>. Acesso em 20 mar. de 2016.